

José Mário Pires Azanha

"Amor y Pedagogia" de Miguel de Unamuno é leitura indispensável à quem se interessa por problemas de educação. Trata-se de obra publicada em 1902 e que após 70 anos ainda guarda plena atualidade. Conta a história de um homem: Don Avito Carrascal que havia elaborado uma "pedagogia sociológica" que, no entendimento de seu autor, seria capaz de fazer de indivíduos comuns, homens geniais "porque — como dizia Don Avito — o homem que fez os deuses à sua imagem e semelhança, é capaz de tudo." Da mesma forma que as abelhas conseguem fazer rainhas de larvas comuns alimentando-as com geléia real, assim também seria possível fazer com homens: "Tome-se uma criança qualquer (...) desde o seu estado embrionário, aplique-se-lhe a pedagogia sociológica e sairá um gênio." E assim, seguro do valor da sua pedagogia, Don Avito resolveu pô-la em prática. O plano para isso seria casar e ter um filho que seria submetido à ação de sua pedagogia. "E como um homem moderno, por muito que acredite na pedagogia sociológica, não pode deixar de crer nas leis da herança," Don Avito aplicou-se a fazer uma criteriosa escolha científica de sua futura esposa. Chegou assim à localização de uma Leoncia Carbajosa, "mulher sólida, boas cores, ancas largas, peitos firmes, o olhar tranquilo, bom apetite e melhores forças digestivas, etc. Mas — e talvez aqui estivesse o primeiro erro de Don Avito — o coração o traiu, e ele acabou se casando com Marina, uma figura muito feminina e muito bonita, mas sem as cores e a saúde física e mental de Leoncia. Quanto à educação, a frágil Marina até acreditava em Deus. Mas a confiança de Don Avito na sua pedagogia era tão grande, que contava superar esse impedimento inicial de um casamento não-científico.

Quando Marina ficou grávida, Don Avito imediatamente começou a aplicação da sua "pedagogia sociológica", porque "A educação principia na gestação ... Não! na própria concepção ... antes, muito antes, vimos educando-nos ab initio, desde o homogêneo primitivo." Chegou afinal o dia do parto e quando o menino nasceu "A casa estava dignamente preparada para recebê-lo ... Por todas as partes, havia barômetros, termômetros, pluviômetros, aerômetros, dinamômetros, mapas, diagramas, telescópios, microscópios, espectroscópios, de modo que para onde quer que os olhos se voltassem deparariam com a ciência; a casa era um

microscópio racional." O nome do menino "tinha que ser grego, por ser a língua grega a língua da ciência." Assim o nome do menino acabou sendo Apolodoro, embora a sua mãe o chamasse secretamente de Luiz.

O crescimento de Apolodoro foi cercado de cuidados científicos, embora algumas vezes Marina, ignorante em "pedagogia sociológica" procedesse de modo muito pouco científico, como por exemplo quando às escondidas levou Apolodoro a ser batizado. Don Avito, quando soube, ficou enfurecido e acabou concluindo pela absoluta incompatibilidade entre amor e pedagogia científica.

Quando Apolodoro cresceu um pouco mais, Don Avito e a sua pedagogia científica passaram a contar com a assistência do "insondável filósofo Don Fulgêncio. Entrambosmares, homem entrado em anos e de ilusões saído (...) autor de uma esotérica Ars Magna Combinatória, em 4 volumes e escrita em latim. Nessa obra, Don Fulgêncio jogava com quatro idéias-chaves, duas da ordem real e duas da ordem ideal, idéias que eram, respectivamente, a da morte e da vida e do direito e do dever, idéias não metafísicas e abstratas como as categorias aristotélicas e kantianas, mas cheias de conteúdo potencial (...) A partir delas, coordenando-as de todas as maneiras possíveis, primeiramente, em coordenações binárias, depois ternárias, quaternárias e assim por diante, é como haveria de decifrar-se o grande mistério do Universo." Além disso, como um racionalista puro que era "Don Fulgêncio professava um santo ódio, um odium philosophicum ao senso comum." "Tal era o guia em quem Don Avito confiava para a educação do gênio." Para Don Fulgêncio o objetivo supremo do homem era a ciência e a esta cabia catalogar o Universo.

Foi assim, completamente protegido pela "pedagogia sociológica" de Don Avito e pela filosofia racionalista de Don Fulgêncio, que Apolodoro cresceu e se fez homem, numa educação da qual estavam afastados todos os sentimentos e emoções, pois só o intelecto contava na produção de um gênio. Ciência pedagógica e razão filosófica foram suas mestras, e o preparavam para tudo.

Num certo dia, porém, Apolodoro apaixonou-se e esse sentimento desconhecido e incompatível com a pedagogia cien-

tífica desorientou-o completamente. Compreendeu então que pelo amor o "mundo adquiria um sentido" que a razão ainda não lhe poderia dar. Descobriu que o "único juízo sintético a priori, o interno ordenador do caos externo era o amor." Mas, infelizmente Apolodoro não foi correspondido e todos os seus esforços de amante foram inúteis e desastrosos. Apolodoro não estava preparado para a vivência de situações simplesmente humanas, o seu mundo era o da ciência e o da razão. Quando, para impressionar a sua amada, Apolodoro escreveu uma pequena novela, foi um completo fracasso. E Don Fulgêncio o fez amargar o insucesso, dizendo-lhe: "Bem merecido do Apolodoro, bem merecido. Um fracasso, um completo fracasso. Bom proveito te faça. A arte é algo inferior, desprezível, Apolodoro, desprezível. E o bom gosto, mais desprezível ainda."

Afinal, depois de muitos sofrimentos e desilusões, Apolodoro tomou consciência do seu completo despreparo para a vida num mundo que ele não compreendia. Totalmente desesperado procurou Don Fulgêncio e disse ao filósofo que ia matar-se porque eles — o pai e Don Fulgêncio — haviam feito dele um desgraçado, um completo desgraçado. Dessa entrevista, Apolodoro saiu sem nenhum conforto e com muito menos de outra que teve com seu pai a-ferrado agora à idéia de que o fracasso da sua obra pedagógica devia-se à indesejável perturbação do amor, que desde o início viera comprometendo o racional esforço da "pedagogia sociológica."

Antes de matar-se, Apolodoro soube que ia ser o pai de um filho da empregada de sua casa. A essa moça, Apolodoro deixou um bilhete que num certo trecho dizia: "Adeus Clara, meu obscuro, meu doce desencanto! Pudeste redimir um homem da pedagogia, fazer um homem de um candidato a gênio ... que faças homens de carne e osso, que com o companheiro de tua vida os faça, meu amor, em amor, em amor e não em pedagogia."

Assim termina a novela e pelo menos uma das intenções do seu autor é óbvia, qual seja, a denunciar como ilegítima e vã a pretensão de fundamentar o esforço pedagógico exclusivamente numa visão científica do processo educativo, pois nem mesmo a própria filosofia de Don Fulgêncio escapava ao vêzo cien-

tificista. A "pedagogia sociológica" de Don Avito foi incapaz de fazer de Apolodoro um gênio, pior ainda, pois ela foi incapaz de fazê-lo um homem, já que a sua formação ficou necessariamente in completa pela deseconsideração de importantes dimensões de sua personalidade e pela ausência de um propósito ético no esforço de Don Avito e de Don Fulgêncio.

O quadro que a novela nos traça é caricatural e, talvez por isso mesmo, consiga transmitir-nos em cores fortes e nítidas a preocupação do autor — que ainda é inteiramente atual — com a desfiguração que pode ocorrer com o processo educativo ao se pretender fazê-lo apenas mais eficiente. A atualidade da preocupação é tão maior quanto maiores são, hoje, as esperanças depositadas no desenvolvimento de uma tecnologia da educação que possibilitará, com eficiência, a produção de Apolodoros em série, no caso dessa tecnologia não se acompanhar de diretrizes e propósitos que a ciência não oferece.

A preocupação de Unamuno é a mesma de Gusdorf quando 60 anos depois, nos diz no seu "Professores, para que?" que o fato educativo tem "proporções cósmicas" que extravazam do âmbito restrito das "sugestões válidas" que a técnica e a ciência podem oferecer, e que a relação pedagógica é muito mais do que uma simples relação entre alguém que ensina e alguém que aprende, não sendo pois possível equacioná-la inteiramente em termos de eficiência. Trata-se de um encontro de personalidades, no qual — diz Gusdorf — "O saber, propriamente dito, os programas e os exercícios, na maior parte dos casos, são apenas temas impostos, pretextos para a realização e desabrochar da auto-afirmação de uns e de outros. Nessas condições, a relação pedagógica não pode ser apenas objeto de uma ciência pedagógica cujo esforço por mais adequado e bem sucedido que seja, não exaure as mais amplas e significativas dimensões do fato educativo.

Com tudo isso nós concordamos e talvez nunca seja demais reagir criticamente à pretensão cientificista na abordagem de temas educacionais. Nesse sentido, obras como a de Unamuno e de Gusdorf encerram uma lição que não se pode e não se deve esquecer, mas pela própria ênfase com que seus autores atacam as espúrias pretensões do cientificismo, poderá parecer a alguns espíritos menos avisados que é a própria ciência que eles pretendem banir do saber pedagógico. Esse seria um perigoso sub-

-produto das obras desses autores — que certamente não estaria nas suas intenções — mas que exerce um rápido fascínio naquelas que desprezam a ciência, pois como diz Cohen: "em que pese a afirmação de que a nossa época é a da ciência, somos testemunhas hoje em dia, de uma notória e difundida declinação do prestígio do intelecto e da razão. Ainda que as mais fecundas das ciências modernas, os diversos ramos da matemática, a física, a biologia experimental se tenham construído, reconhecidamente, sobre a base de métodos intelectuais ou racionais, os termos "intelectualista" e "racionalista" possuem uma inegável conotação pejorativa. Ainda entre os filósofos profissionais os altos sacerdotes do santuário da razão, a fé na ciência racional ou demonstrativa é objeto de um sistemático menosprezo em favor do idealismo "prático", do vitalismo, do humanismo, do intuicionismo e de outras formas de um confessado anti-intelectualismo."

O cientificismo como atitude, dentre outras condições, depende de uma confiança ingênua nas possibilidades do conhecimento científico e de um desconhecimento total dos métodos pelos quais procede a própria ciência. Mas, em primeiro lugar, a ciência não é ingênua e no dizer de Nagel, "um dos elementos fundamentais da empresa científica é o espírito severamente cético, que não deve confundir-se com o ceticismo integral." E, em segundo, o discurso científico é inteiramente descritivo-explicativo e por isso mesmo dele não pode logicamente decorrer diretrizes de conduta que pertencem à esfera da tradição e da ética. O cientificismo não pode pois ser uma decorrência do cultivo da ciência e somente esta pode de um modo efetivo impedir a difusão daquele.

O mundo de hoje é um mundo de violência e de medo, e que a tecnologia propiciada pela ciência faz ainda mais terrível. Mas, seria uma ingenuidade supor que o mal esteja na tecnologia e na ciência e esperar que o apelo ao sentimento possa substituir a razão crítica no seu anelo de explicação do Universo, e com isso fazer os homens mais felizes. Popper lembra muito bem, que os que pretendem substituir a razão crítica pelo amor dão oportunidade àqueles que a substituirão pelo ódio. Diz ele: "É minha firme convicção que essa ênfase irracional sobre a emoção e a paixão conduz, afinal, ao que só posso descrever como crime. Uma razão para esta opinião está em que tal atitude, que é, no melhor dos casos, de resignação ante a natureza irracional dos seres hu-

manos e, no pior, de desprezo pela razão humana, deve conduzir ao emprego da violência e da força bruta como árbitros definitivos de qualquer disputa. Com efeito, se suscita um conflito, isso significa que as emoções e paixões mais construtivas que teriam ajudado, em princípio, a evitá-lo, como o respeito, o amor, o devotamento por uma causa comum, mostraram-se insuficientes para resolver o problema. Se assim é que resta então ao irracionalista, senão valer-se de outras emoções e paixões menos construtivas, a saber: o medo, o ódio, a inveja e, por fim, a violência? (...) insisto em que nenhuma emoção, nem mesmo o amor, pode substituir o regime das instituições controladas pela razão."

A possibilidade do "Admirável Mundo Novo" com que Huxley nos ameaça a partir da sua filosofia perene não será criada apenas porque os homens ampliaram o seu saber. "Nada sob o Sól existe que não possa ser usado mal e que não tenha sido mal usado." Recusamo-nos pois a admitir que a alternativa aos "admiráveis mundos novos" seja a desistência do saber, porque como disse D. Hume: "Não há método mais comum de raciocinar — e não obstante nenhum mais censurável — do que refutar as hipóteses (...) sob pretexto de conterem perigosas consequências (...); devem-se evitar inteiramente tais lugares-comuns pois eles em nada auxiliam na descoberta da verdade, servindo apenas para tornar odiosa a pessoa de um adversário."

Para finalizar, queremos apenas lhes dizer que se o saber pedagógico elaborado pela ciência é insuficiente para a educação dos homens, não é menos verdade que sem ele, corremos o risco de ver os nossos ideais educativos transformados em sonhos irrealizados e em ilusões frustradas.

São Paulo, 19 de janeiro de 1973.

Discurso proferido pelo Prof. Dr. José Mário Pires Azanha na Sessão Solene de Colação de Grau dos Bacharelados do Curso de Pedagogia de 1972.